



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

SEXUALIDADE FEMININA: UMA VIA DE DOMINAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Izairane Dutra de Sousa

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC izairane-dutra@hotmail.com

Werena de Oliveira Barbosa

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC werena19@hotmail.com

Juliana Alves de Sá

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC juliana.julaya@hotmail.com

Amanda Sibeli Santos Galvão

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC amandasibeli@hotmail.com

Cíntia Lima Ferreira Dantas

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cajazeiras – FAFIC cinntialima@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Na atualidade temas como sexualidade e relações de gênero têm sido abordados com mais frequência e com maior precisão, comparado há tempos atrás quando não se falava nesses assuntos, nem tão pouco se sentia a necessidade de discuti-los, principalmente quando se tratava da sexualidade feminina. Mesmo sabendo que estes temas influenciam diretamente em diversos aspectos da vida do ser humano, eles não eram vistos como fatores importantes para a construção da sociabilidade. Porém, com a modernidade dos tempos esse tema vem sendo abordado com mais frequência e menos tabu, tendo em vista que é algo comprovado cientificamente como um fator intrínseco à natureza humana.

Nesse contexto, entende-se que refletir sobre a sexualidade e as relações de gênero significa fazer uma análise profunda em que se percebem as raízes de uma cultura marcada por sistemas dominantes, como o patriarcalismo e o capitalismo, que foram historicamente construídas e persistem até os dias atuais. De acordo com Scott,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

citado por Safiotti (2004), as relações de gênero (assim como as de classe e raça ou etnia) são determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico. O autor ainda afirma que enquanto sexo é determinado pela natureza e pela biologia, gênero é construído historicamente sendo, portanto, variável e mutável.

Para se transformar determinadas realidades é preciso inquietar-se, pois várias vezes a realidade feminina foi camuflada de liberdade e de emancipação, minada principalmente pela mídia através de propagandas, novelas, comerciais, entre outros, sendo que na verdade, essas relações ainda têm muito que avançar na igualdade de direitos e nas decisões familiares, sociais, culturais, políticas e religiosas.

Portanto, o tema em questão surgiu do interesse de se obter conhecimento científico, tendo como objetivo analisar a sexualidade feminina como uma via de dominação nas relações de gênero, sendo essa uma proposta para que se quebrem velhos paradigmas na construção do conhecimento e pelo compromisso social e intelectual acadêmico no sentido de responder positivamente às questões sociais no cotidiano social.

METODOLOGIA

O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é uma unidade pública estatal localizada em áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, destinada ao atendimento sócio assistencial de famílias. O CRAS é o principal equipamento de desenvolvimento dos serviços sócio assistenciais da Proteção Social Básica. Constitui espaço de concretização dos direitos sócio assistenciais nos territórios, materializando a política de assistência social (BRASIL, 2005).

O CRASI do município de Pombal – PB desenvolve um conjunto de ações relativas à acolhida, informação, orientação, inserção em serviços da assistência social, medidas socioeducativas e de convivência, encaminhamentos, promoção de acesso a renda e, especialmente, acompanhamento sociofamiliar.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e quantitativo. A coleta dos dados foi feita através de um questionário pré-estabelecido, aplicado de maneira individual, respeitando as particularidades de cada uma das mulheres entrevistadas. Os dados foram agrupados e analisados qualitativamente através dos relatos das participantes da pesquisa por meio do método crítico dialético.

Em um grupo de, aproximadamente, trinta mulheres, as quais fazem parte do CRAS I do município de Pombal - PB, onde se realizou o estágio supervisionado durante graduação acadêmica, foram escolhidas seis delas, de forma aleatória, para serem entrevistadas. O critério em fazer o questionário com apenas seis foi, justamente pelo fato de que suas histórias de vida assemelham-se bastante no que se refere aos temas abordados: sexualidade e relações de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização de estudos bibliográficos na qual se afirma as multidimensionais formas de dominação sobre as mulheres postas no decorrer dos séculos e ainda presentes nos dias atuais, amputando a vida de inúmeras mulheres, sobretudo, as que são pobres, analfabetas e submissas aos seus maridos, companheiros e outros tipos de subordinação, contatou-se, nas falas das mulheres entrevistadas, que o sexo feminino ainda é submisso em muitos lares brasileiros.

Nesse sentido, Muraro (2002) afirma que é próprio da nossa cultura carimbar os homens a praticar o exercício do poder nas mais diversas formas. A mulher ao contrario, é carimbada e treinada para cuidar e ser altruísta. Sabe-se que tais valores culturais permeiam as mais diversas instituições sociais. Na maioria das vezes, tais questões referentes às relações de gênero passam despercebidas também no âmbito dos espaços públicos. Gebara (2005, p.16) completa que “o desejo feminino, sobretudo em relação ao direito a um prazer sadio se encontra abafado pelo tipo de socialização que nossa sociedade latina ainda impõe às mulheres”.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Essas características apontam que, mais do que as demais categorias pobres do país, as mulheres são as que sofrem maior índice de violência, como o analfabetismo, os estereótipos sociais em relação à sua sexualidade, a dependência financeira, o abandono de maridos e companheiros e, tantos outros tipos de violência.

Infelizmente ainda não se alcançou a liberdade de viver bem a sexualidade de maneira integral, sem o julgamento e a submissão ao ser masculino. Esta afirmação se dá, quando analisando a visão das mulheres em relação a este tema, onde 67% afirmaram que não conseguem tratar e discutir sua própria sexualidade.

Bandeira (2005) afirma que “as políticas públicas, no Brasil, em geral, quando são feitas e dirigidas às mulheres não contemplam necessariamente a perspectiva de gênero”. Nessas condições, conclui-se que urge a necessidade de uma maior atenção por parte do Estado e dos gestores sociais, para a implantação de programas e políticas que contemplem as demandas de mulheres, pelo fato de fazerem parte das novas configurações da questão social e pela importância que elas têm na vida dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização da pesquisa percebem-se vários sentimentos distintos, por reportar-se aos séculos passados e deparar-se com tantas imposições culturalmente aplicadas à mulher, constatando-se analogicamente que muitas dessas imposições ainda continuam presentes nos dias atuais. Assim, fica claro que a análise da construção sociohistórica em torno das relações de gênero e os aspectos que se apresentaram neste processo, contribuíram de forma predominante para a desigualdade no que tange ao tratamento direcionado às mulheres.

Chegou-se ao século XXI e não se vive plenamente a frase que diz “quem ama não mata”, estabelecidas pelas feministas na década de setenta do século passado, por ocasião do assassinato de Ângela Diniz no Rio de Janeiro, que foi assassinada pelo companheiro alegando ter matado por amor e para defender sua honra. É exatamente



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

com essas desculpas que muitos casos no Brasil continuam acontecendo, em que muitas mulheres são mortas, por amor, em nome da honra e da incapacidade de perder que os homens têm.

Contudo, há também no âmago feminino uma imensa alegria pelas conquistas já realizadas, pelos direitos consolidados e pelas mudanças na mentalidade de mulheres e homens, que ainda anseiam pelo um mundo melhor, sem desigualdades e preconceitos. Para tanto, acredita-se na possibilidade de vivenciar novas relações de gênero, em uma sociedade que respeite as diferenças biológicas inerentes a cada sexo, todavia, que não haja desigualdades nos direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Lourdes. Brasil: fortalecimento da secretaria especial de políticas para as mulheres para avançar na transversalização da perspectiva de gênero nas políticas públicas. In: PEREIRA DE MELO, Hildete & BANDEIRA, Lourdes. **A pobreza e as políticas de Gênero no Brasil**. CEPAL. Série Mujer y Desarrollo. N.66. 2005. p. 43-76.

Brasil. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004, Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília: 2005.

GEBARA, Ivone. **Gênero e Sexualidade: uma questão política**. São Paulo: CEPIS, 2005.

MURARO, Rose Mare; BOFF, Leonardo. **Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004. (Coleção Brasil urgente).